

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves¹

Eduardo Ferreira Chagas²

Resumo:

O objetivo deste artigo é apresentar os conceitos de mercadoria, acumulação e trabalho no modo de produção capitalista a partir do manuscrito intitulado *Capítulo VI (inédito)*. Trata-se aqui de categorias que, acima de tudo, são determinações da existência ou formas de pensamento socialmente válidas para relações de produção historicamente determinadas. A economia capitalista pressupõe: 1. a forma-mercadoria, expressão mais elementar da riqueza e unidade entre valor de uso e valor; 2. reprodução em escala ampliada ou crescimento *ad infinitum*; 3. exploração do trabalho por meio da criação de mais-valor. Através de uma espoliação orgânica cristalizada nas mercadorias, o regime do capital, prescindindo das crises, expande seu limite a cada rotação num movimento que vislumbra o infinito.

Palavras-chave: mercadoria; acumulação; trabalho; capital.

COMMODITY, ACCUMULATION AND LABOR IN THE CAPITALIST MODE OF PRODUCTION

Abstract:

The aim of this article is to present the concepts of commodity, accumulation and labor in the capitalist mode of production based on the manuscript entitled *Chapter VI (unpublished)*. These categories that, above all, are determinations of existence or forms of thoughts that are socially valid for historically determined relations of production. The capitalist economy presupposes: 1. the commodity form, the most elementary expression of wealth and unity between use-value and value; 2. reproduction on an expanded scale or growth *ad infinitum*; 3. exploitation

¹ Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de Fortaleza/Unifor (2013); bacharel em História pela Universidade Federal do Ceará/UFC (2017); licenciado em História pela Universidade Pitágoras Unopar (2021); tem especialização em História do Brasil pela Universidade Estadual Vale do Acaraú/UVA (2024), bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará/UECE (2021); mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2019); doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará/UFC (2020-2023) com período sanduíche na Université Paris-Ouest Nanterre la Défense. Além de se dedicar ao estudo do pensamento de Marx, também tem se concentrado nas obras de seus interlocutores, sobretudo Feuerbach e Hegel. E-mail: bruno.qcg@outlook.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6758-0597>.

² Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); doutor em Filosofia pela Universität Kassel (Alemanha); pós-doutor em Filosofia pela Universität Münster (Alemanha); professor Efetivo (Associado 4) do curso de Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC); professor do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO); professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da FACED (UFC); bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (Nível 2); editor da Revista Dialectus; membro da Internationale Gesellschaft der Feuerbach-Forscher (Sociedade Internacional Feuerbach). Homepage: <https://efchagas.wordpress.com>. E-mail: ef.chagas@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1957-6117>.

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

of labor through the creation of surplus-value. Through an organic plundering crystallized in commodities, the capital regime, disregarding crises, expands its limits with each rotation in a movement that glimpses the infinite.

Keywords: commodity; accumulation; labor; capital.

O modo de produção capitalista, como uma relação social historicamente determinada, pressupõe a dissociação contínua entre trabalhadores e seus meios de subsistência, a desintegração de economias primitivas, a transformação geral dos valores de uso em mercadoria, a monetização, o intercâmbio universal, a divisão social do trabalho, a busca desenfreada por mais-valor, a exploração de classe etc. Segundo Marx (2022, p. 19), essa forma particular de existência da riqueza é “produção e reprodução de toda a relação por meio do qual esse processo de produção imediato se caracteriza como especificamente capitalista”.

O comércio, por exemplo, muito embora já estivesse presente entre os povos da Antiguidade, sua dimensão planetária é expressão da necessidade orgânica de acumulação do capital, da produção pela produção, do crescimento *ad infinitum* ou da maximização do lucro. “A troca desenvolvida de mercadorias e a forma de mercadoria como forma social necessária e geral do próprio produto são o resultado somente do modo de produção capitalista” (Marx, 2022, p. 19), portanto, ainda que o capital comercial, como forma antediluviana da economia burguesa, tenha registrado nos anais da história um crescimento notável do intercâmbio entre as nações, é somente na era moderna, com o avanço das forças produtivas capitalistas, que a mercadoria se torna expressão absoluta do produto do trabalho. Conforme diz Marx (2022, p. 20), “a mercadoria, enquanto forma geral e elementar do produto, aparece essencialmente como produto e resultado do processo de produção capitalista”. A incorporação progressiva do conjunto dos valores de uso à esfera da circulação pela forma capitalista da produção de mercadorias absorve até mesmo a força de trabalho, isto é, a capacidade humana de produzir riqueza graças ao consumo de suas habilidades em seu perpétuo metabolismo com a natureza.

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

Apenas quando a população trabalhadora deixa de pertencer às condições objetivas de trabalho ou de aparecer no mercado como produtora de mercadorias, apenas quando em vez de vender o produto de seu trabalho passa a vender seu próprio trabalho - ou, mais precisamente, sua capacidade de trabalho -, somente então, em sua totalidade, a produção de mercadorias em toda a sua profundidade e amplitude transforma todos os produtos em mercadorias, e as próprias condições objetivas de cada esfera individual de produção entram nela como mercadorias. Somente com base na produção capitalista as mercadorias se tornam de fato a forma geral e elementar da riqueza (Marx, 2022, p. 21).

A unidade entre os processos de trabalho e valorização do valor, determinação própria da economia capitalista, transforma necessariamente o dispêndio de energia vital dos trabalhadores em meio de acumulação, pois através da troca não equivalente ou da diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador, a mercadoria é lançada na esfera da circulação prenhe de mais-valor. A finalidade do circuito que tem início com a compra das forças produtivas capitalistas e termina com uma grandeza monetária superior àquela originária não é a satisfação das necessidades humanas - secundária, circunstancial ou dispensável -, mas a reprodução em escala ampliada, portanto o produto do trabalho nessa relação social deve “realizar-se como valor de troca, sofrer a metamorfose da mercadoria [...] como necessidade de renovação e continuidade do próprio processo de produção” (Marx, 2022, p. 23).

O regime capitalista, esse movimento cuja legalidade interna apresenta uma tensão insuperável entre finito e infinito, resultando sempre no tombo da pedra a cada rotação finalizada, pressupõe, produz e reproduz a forma mercadoria, “partimos dela como o elemento mais simples da produção capitalista. A mercadoria, porém, é um produto, resultado da produção capitalista. O que primeiro aparecia como seu elemento depois se apresenta como seu próprio produto” (Marx, 2022, p. 26). O que existe após o consumo da força de trabalho pelo capital é uma grandeza de valor cristalizada numa forma social cuja finalidade é a troca por dinheiro na esfera da circulação. “Como portadora do valor total do capital + mais-valor [...], a mercadoria agora se mostra no volume e nas dimensões da venda que devem ocorrer para que o antigo valor do capital e o mais-valor gerado por ele sejam realizados” (Marx, 2022, p. 26).

Caso a unidade entre duas operações distintas e complementares se cumpra, preferencialmente de modo instantâneo, temos, para felicidade geral e celebração do pensamento econômico burguês, a harmonia entre oferta e demanda. Assim, “todos os acontecimentos estão

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

encandeados no melhor dos mundos possíveis” (Voltaire, 2021, p. 185). Em suma, o produto do trabalho no sistema capitalista é uma mercadoria, um valor de uso cuja expressão em dinheiro nada mais é do que a transformação do valor em preço ou a estampa monetária do trabalho humano indiferenciado.

Prescindido das crises³, isto é, das perturbações cíclicas que interrompem o processo de acumulação, a massa de valor contida nas mercadorias é realizada na esfera da circulação para o incremento do capital. Como a economia burguesa organiza todo o metabolismo entre homem e natureza em função do crescimento *ad infinitum*, é virtualmente impraticável a coexistência pacífica entre o processo de valorização do valor e os antigos sistemas de produção, de modo que o resultado dessa impossibilidade de conciliação é o desaparecimento gradual de sociedades tradicionais, a incorporação de produtores independentes à massa proletária, a liberação de extensas áreas da superfície planetária à exploração capitalista e o desenvolvimento do intercâmbio universal. “A produção capitalista é produção de mais-valor e, como tal produção de mais-valor (na acumulação), é ao mesmo tempo produção de capital e produção e reprodução de toda a relação de capital em escala cada vez mais ampliada” (Marx, 2022, p. 37-38).

O produto do trabalho na economia capitalista é acima de tudo uma mercadoria - unidade entre valor de uso e valor, qualidade e quantidade, engenhosidade singular e trabalho humano indiferenciado -, que, ao ser lançada na esfera da circulação, deve cumprir seu papel no movimento de reprodução do capital, isto é, realizar a massa de valor que lhe é correspondente o mais breve possível. Se a objetividade fantasmagórica contida nessa forma particular de existência da riqueza não é transformada em dinheiro, a paralisação revela que a identidade necessária entre oferta e demanda não passa de um delírio do pensamento econômico burguês.

³ Resumidamente, podemos afirmar que a produção capitalista se expressa na autonomização recíproca dos agentes de mercado buscando a maximização do lucro. Aqui ninguém produz para si mesmo, mas para realizar mais-valor na esfera da circulação, pelo menos sob o ponto de vista sistêmico. É óbvio que, muito embora a fantasia liberal defenda um equilíbrio entre mercadoria e dinheiro, a possibilidade de paralisação existe justamente pela anarquia generalizada da divisão social do trabalho. Com o desenvolvimento das contradições do capital, a crise se torna necessidade: estoques saturados, falta de liquidez, demissões gigantescas, moratórias, falências e toda sorte de perturbação arruinam o delírio do pensamento econômico burguês. Naturalmente, o indivíduo mais sensível às depressões cíclicas é o trabalhador assalariado, que, devido à queda mais ou menos brusca do ritmo de acumulação, perde até mesmo o que lhe garantis a subsistência.

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

Como mercadoria, o produto do capital deve entrar no processo de troca das mercadorias e, portanto, não apenas entra no metabolismo real, mas ao mesmo tempo, deve sofrer as mudanças de forma que apresentamos como *metamorphose* [metamorfose] das mercadorias (Marx, 2022, p. 46).

A mercadoria, embora seja a forma elementar do modo de produção capitalista e apareça como algo próprio dessa relação social, desenvolvida sobretudo a partir do último quartel do século XVIII, já estava presente nos anais da história antes mesmo da decolagem industrial britânica, cujas razões são apresentadas de forma ampla e sistemática no capítulo de *O capital* dedicado à acumulação primitiva. A economia burguesa apenas transformou organicamente o produto do trabalho em mercadoria, que, de agora em diante, é uma das figuras do processo cíclico, assim como o dinheiro. “Os economistas cometem o erro de identificar essas formas elementares de capital – mercadorias e dinheiro – enquanto tais como capital” (Marx, 2022, p. 46).

O movimento de acumulação do capital apresenta internamente metamorfoses cuja realização mantém a progressão sem limites do valor. Aqui, o dinheiro não é apenas equivalente geral ou expressão de uma economia mercantil, mas substrato de uma forma social que muda de figura buscando seu próprio crescimento. O circuito percorrido pelo capital-monetário pode ser representado da seguinte forma: D-M...P...M'-D'. Em outras: 1. o dinheiro é transformado na esfera da circulação em meios de produção e força de trabalho; 2. o burguês, através do esgotamento físico e mental do operário – consumido por tarefas monótonas e supervisionadas em turnos de trabalho prolongados – recebe uma mercadoria prenhe de mais-valor; 3. prescindindo dos desequilíbrios que interrompem periodicamente o processo de acumulação capitalista, a rotação é finalizada com a série M'-D'.

Em si essa soma de dinheiro só é capital, isto é, de acordo com a sua determinação, porque deve ser empregada ou consumida de um modo que tenha por finalidade seu crescimento, porque é gasta com a finalidade de seu crescimento. Se isso aparece em relação à soma de valor ou dinheiro existente como sua determinação, seu impulso interior, sua tendência, então em relação ao capitalista, isto é, ao possuidor dessa soma de dinheiro, em cujas mãos essa função se processa, surge como intenção, finalidade (Marx, 2022, p. 47).

A relação metabólica entre homem e natureza no regime do capital é organizada em torno da lei que transforma o trabalho numa fonte de sofrimento coletivo e exige o consumo

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

insustentável das forças naturais: a produção de mais-valor. A diferença quantitativa entre extremos qualitativamente iguais só é possível porque existe na esfera da circulação uma mercadoria capaz de manter o processo de reprodução em escala ampliada. Se visualizarmos apenas as operações executadas na superfície da economia capitalista – compra e venda de mercadorias –, esse fato permanece mistificado. O sentido do modo burguês de produção é buscar a autovalorização do capital.

A produção de mais-valor – que inclui a preservação do valor originariamente adiantado – aparece assim como a finalidade determinante, o interesse impulsor resultado último do processo de produção capitalista, como aquele pelo qual o valor originário é convertido em capital (Marx, 2022, p. 48).

A singularidade do modo burguês de produção em relação às economias pré-capitalistas consiste justamente no incremento de mais-valor a cada rotação finalizada. Prescindindo das saturações que interrompem o processo de acumulação, o capital aumenta sua grandeza e adquire uma dimensão planetária, de modo que a satisfação das necessidades humanas – comer, beber, vestir etc. – é virtualmente impraticável fora do mercado. Conforme lembra Marx (2022, p. 49), “a função autêntica e específica do capital como capital é, portanto, a produção de mais-valor”.

Muito embora na superfície do movimento representado pela fórmula D-M-D' a concentração de riqueza seja expressão da genialidade empreendedora, o âmago da coisa reside no trabalho excedente cristalizado na forma-mercadoria. Atribuir à competência individual o cerne da prosperidade burguesa é ignorar tanto a exploração de classe como o sentido geral do modo de produção moderno: a acumulação infinita. Agente econômico encarregado de extrair mais-valor e tão obediente quanto Sancho Pança, o capitalista, sem qualquer preocupação humanitária, luta incansavelmente para cumprir seu dever prolongando os turnos de trabalho, intensificando o ritmo das tarefas, abreviando os intervalos para refeição e descanso etc.

As funções desempenhadas pelo capitalista são apenas as funções do capital – do valor que se valoriza pela absorção do trabalho vivo – que são desempenhadas com consciência e vontade. O capitalista funciona apenas como capital personificado, capital como pessoa [...] (Marx, 2022, p. 60).

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

À medida que o processo de valorização do valor atribui um caráter instrumental à ciência – emprego disciplinar do relógio, fábricas abastecidas pela energia a vapor, introdução da maquinaria, fornecimento da eletricidade e todo tipo de invenção tecnológica –, o tempo, o corpo e a mente do trabalhador são violentamente roubados pelo capital. O burguês, como responsável pela execução do movimento que consome brutalmente o conjunto das capacidades humanas, cumpre a tarefa que lhe cabe no interior de uma relação social cujo sentido é a capitalização. Conforme Marx (2022, p. 61) declarou, “a autovalorização do capital – a criação de mais-valor – é, portanto, a finalidade determinante e hegemônica do capitalista”.

A singularidade do modo de produção moderno em relação às economias pré-capitalistas reside justamente na finalidade do processo de trabalho, pois o metabolismo entre homem e natureza é determinado pela acumulação contínua ou pela necessidade do capital de estender periodicamente seu limite. Esse movimento absolutamente peculiar à sociedade burguesa exige tanto o consumo brutal das capacidades humanas (criaturas embrutecidas, complicações mentais, corpos exauridos, atraso no desenvolvimento, doenças crônicas, mortes prematuras etc.) como a degradação da natureza (desertificação, desmatamento, poluição do ar, contaminação das águas e agudas devastações ambientais).

Os problemas sociais acarretados pelo sentido da produção capitalista – acumulação infinita sustentada pela exploração do trabalho – não aparecem na superfície do movimento representado pela fórmula D-M-D', isto é, na esfera da circulação, pois aqui, onde reinam os direitos inatos do homem – liberdade, igualdade, propriedade e Bentham –, as causas estruturais de mazelas como pauperismo, estupidez, esgotamento físico, vidas abreviadas etc. permanece como justo castigo pela falta de diligência, criatividade, parcimônia e todo o rol de virtudes que compõem a cantilena burguesa.

A transformação do dinheiro em capital se divide em dois processos independentes que pertencem a esferas inteiramente distintas e existem de modo separado um do outro. O primeiro processo pertence à esfera da circulação de mercadorias e, portanto, ocorre no mercado de mercadorias. É a compra e venda de capacidade de trabalho. O segundo processo consiste no consumo da capacidade de trabalho adquirida, isto é, o próprio processo de produção. [...] Para demonstrar, portanto, que a relação entre capitalista e trabalhador não é senão uma relação entre proprietário de mercadorias que, em benefício mútuo e por livre contrato, trocam dinheiro e mercadorias entre si, basta isolar o primeiro

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

processo e ater-se a seu caráter formal. Esse simples truque não é feitiçaria, mas constitui todo o patrimônio de sabedorias da economia vulgar. (Marx, 2022, p. 73).

O intercâmbio entre capital e trabalho, embora seja revestido de graciosidade, consiste apenas numa operação que legaliza, segundo o direito burguês, o emprego brutal das capacidades humanas pelo Sancho Pança da economia moderna. A compra pelo capitalista da única mercadoria capaz de produzir valor compromete inclusive a reabilitação do corpo, seja através da disciplina imposta pelo sistema fabril, dos turnos prolongados, das refeições sem intervalo etc. O trabalhador só existe para o capital como fonte de mais-valor, e os artifícios mais absurdos são empregados na esfera da produção para extrair trabalho excedente. As pausas para a satisfação de uma necessidade orgânica, como a alimentação, são violentamente retiradas, e a civilidade alardeada na troca dá lugar à barbárie.

É possível que, na produção capitalista, todo o tempo disponível do trabalhador seja efetivamente absorvido pelo capital, de modo que o consumo de alimentos apareça realmente como simples incidente do próprio processo de trabalho, como consumo de carvão pela máquina a vapor, ou de óleo pela roda, ou de feno pelo cavalo, ou como todo o consumo privado do escravo trabalhador (Marx, 2022, p. 75)

Muito embora em sua forma particular de manifestação o capital apareça como sujeito do processo de reprodução em escala ampliada, é o trabalho que garante a existência de um movimento cuja finalidade, ainda que absurda, é a acumulação infinita, pois mesmo nos ciclos de crescente animação, prosperidade etc., a massa de valor resultante da série D-M-D' equivale somente a uma grandeza determinada. Outra mistificação própria do capital consiste na troca de equivalentes: de fato, no mercado, há uma igualdade no intercâmbio entre os agentes econômicos, mas no interior da produção de mercadorias se obtém mais-valor através do tempo de trabalho não pago.

De acordo com a lei do valor da troca de mercadorias, trocam-se equivalentes, quanta iguais de trabalho objetivado, embora um quantum se objetive em uma coisa e o outro em uma pessoa viva. Mas essa troca apenas introduz o processo de produção, por meio do qual vem de fato trocado mais trabalho na forma viva do que foi gasto na forma objetivada

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

A relação entre as classes fundamentais da sociedade burguesa na esfera da circulação – superfície da economia capitalista – aparece sem o elemento estruturante do processo de valorização do valor: a exploração do trabalho ocultada pela forma-salário. O patrão, como expressão subjetiva do capital, desse movimento cujo paralelo seria o mito de Sísifo, deve exigir do operário a maior quantidade possível de trabalho não pago, ainda que, conforme já foi observado, a troca de mercadorias seja graciosa. “Enfim, o capitalista constrange o trabalhador a estender a duração do processo de trabalho tanto quanto possível além dos limites do tempo de trabalho necessário para a reprodução do salário, pois esse excedente de trabalho lhe fornece mais-valor” (Marx, 2022, p. 82).

É preciso destacar que o papel dos agentes de mercado e a tarefa de cada um deles no interior da produção de mercadorias são expressões sistêmicas de um movimento cujo sentido é a acumulação comínua. Capitalista e trabalhador assalariado, para tratar especificamente da esfera onde se produz mais-valor, são apenas figuras econômicas de uma relação social historicamente determinada, que tem como pressuposto o crescimento *ad infinitum* ou a autovalorização do capital.

Muito embora a estratificação social seja um elemento comum no curso da história, a diferença fundamental entre os padrões de subordinação consiste na transferência de poder da esfera pessoal para um sistema global, cuja reprodução pressupõe a combinação nefasta entre degradação da natureza e exploração do homem pelo homem. Sendo assim, a coerção orgânica objetivada no tempo de trabalho excedente marca uma ruptura com as relações de dependência pessoal que predominaram na Mesopotâmia, no Egito Antigo, no mundo greco-romano etc. Conforme Marx (2022, p. 90) declarou, trata-se de “uma relação coercitiva que não se baseia em quaisquer relações pessoais de dominação e dependência, mas simplesmente surge de várias funções econômicas”. Além disso, o caráter absolutamente opaco da exploração no regime do capital é mistificado pela troca de equivalentes na esfera da circulação, uma vez que a forma-salário apaga todo vestígio de mais-trabalho⁴.

⁴ O tempo de trabalho excedente em sociedades industriais, ao contrário do que predominou no Crescente Fértil, no mundo greco-romano, na Europa feudal, nas plantações escravistas das Américas etc., é obliterado com a suposta igualdade entre os agentes econômicos, pois a massa de valor cristalizada na mercadoria aparece como grandeza

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

O sistema capitalista, como uma engrenagem cujo sentido reside na criação de mais-valor, só considera como produtivo o trabalho que gera diretamente o incremento que permite a acumulação infinita, isto é, aquele que serve à autovalorização do capital. No mesmo sentido, diz Marx (2022, p. 109): “O trabalhador que realiza trabalho produtivo é produtivo, e é produtivo o trabalho que cria imediatamente mais-valor, isto é, valoriza o capital”. Evidentemente, trata-se de uma definição subjacente não ao processo de trabalho em geral – aquele presente em todas as épocas e necessário ao metabolismo entre homem e natureza –, mas a relações de produção historicamente determinadas.

A diferença entre o valor produzido pelo trabalho e o salário pago ao trabalhador só é possível através do intercâmbio entre o capital e uma forma particular de mercadoria na esfera da circulação: aquela capaz de gerar mais-valor e garantir o processo de reprodução em escala ampliada, sendo assim trabalho produtivo. Segundo Marx (2022, p. 113), “o produto específico do processo de produção capitalista, o mais-valor, é criado apenas por meio da troca com o trabalho produtivo”.

Como o regime do capital tem a acumulação como necessidade orgânica, o excedente arrancado dos produtores, não obstante a vontade dos agentes econômicos, será absorvido pela fagocitose que reproduz a exploração de classe e as mazelas que lhe são decorrentes: criaturas embrutecidas, corpos deformados, mortes prematuras, habitações precárias, pauperismo etc. Em outras palavras, “somente a troca por trabalho produtivo é uma das condições para a *reconversão* do mais-valor em capital” (Marx, 2022, p. 118, grifo nosso), de modo que, em virtude das contradições gestadas e amadurecidas no interior da produção capitalista, o crescimento *ad infinitum* será interrompido por uma perturbação violenta⁵.

inteiramente restituídas aos operários através da forma-salário. Para mais detalhes, ver: MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*: livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 610.

⁵ A história da economia capitalista tem registrado crises periódicas ou perturbações mais ou menos longas no interior do processo de acumulação. Evidentemente, os defensores da livre iniciativa, da liberdade absoluta dos agentes de mercado e de toda a cantilena burguesa afirmam que as paralisações são acarretadas por elementos circunstanciais, portanto sem qualquer razão estrutural. Num de seus artigos para o New York Daily Tribune, Marx salienta exatamente a tentativa de justificar mais uma das saturações cíclicas do capital a partir da especulação excessiva e do abuso do crédito, como se as promessas de capitalização em geral não tivessem uma motivação sistêmica, muitas vezes indiferente às condições reais de valorização. Para mais detalhes, ver: Musto, Marcello (org.). *O essencial de Marx e Engels 2: escritos econômicos*. São Paulo: Boitempo, 2024. p. 213-216.

MERCADORIA, ACUMULAÇÃO E TRABALHO NO MODO DE PRODUÇÃO

Mailson Bruno de Queiroz Carneiro Gonçalves / Eduardo Ferreira Chagas

O trabalhador só existe na economia capitalista como fonte de mais-valor, e o salário que serve à satisfação de suas necessidades só é pago devido a um sistema de carências que exige do empregador uma quantia de dinheiro capaz de cobrir suas despesas mais elementares. Para a classe que de fato produz riqueza e conserva o processo de acumulação do capital, o consumo de mercadorias é demarcado pela escandalosa parcimônia burguesa, pois “o objetivo da produção capitalista (e, portanto, do trabalho produtivo) não é a existência de produtores, mas a produção de mais-valor” (Marx, 2022, p. 118). Turnos de trabalho prolongados, esgotamento do corpo, mentes exauridas, problemas de saúde, aviltamento, tudo no interior da fábrica concorre para transformar o conjunto das tarefas diárias no décimo círculo do inferno⁶. O tempo necessário à restauração de energia, ao descanso da mente, às refeições adequadas, ao desenvolvimento das capacidades genuinamente humanas, ao lazer e à convivência social é estéril no interior dessa relação historicamente determinada: a forma capitalista da produção de mercadorias. “A valorização do capital e, portanto, a *creation* [criação] de mais-valor, sem nenhuma consideração pelo trabalhador, é a alma que move a produção capitalista (Marx, 2022, p. 121).

Referências Bibliográficas

- ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia – Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2019.
- MARX, Karl. *Capítulo VI (inédito)*: manuscritos de 1863-1867, O capital, livro I. São Paulo: Boitempo, 2022.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MUSTO, Marcello (org.). *O essencial de Marx e Engels 2: escritos econômicos*. São Paulo: Boitempo, 2024.
- VOLTAIRE. *Cândido ou o otimismo*. São Paulo: Editora 34, 2021.

⁶ Faço alusão aos nove círculos do inferno de Dante Alighieri. Para mais detalhes, ver: Alighieri, Dante. *A Divina Comédia – Inferno*. São Paulo: Editora 34, 2019.